

## “Chiriboga”: Confluências discursivas de identidades afro-latinas

Fabiana da Silva Campos dos Santos (UFPE)

### **Resumo:**

*No presente trabalho, apresento uma leitura da obra La contraportada del deseo e Bajo la piel del los tambores, de Luz Argentina Chiriboga. Essa leitura sugere evidências de uma poesia que contempla um conceito de literatura afro-latina, através de diferentes representações. Para tanto, faço uma breve reflexão sobre a ideia de América Latina, a partir dos trânsitos culturais, como um movimento duplo, literário e identitário, e observo que a perspectiva narrativa apresentada na obra se dá nessa duplicidade, através do prosaico, ressaltando representações do sujeito poético entre o individual e coletivo, muito comum nos fluxos diaspórico das Américas.*

**Palavras-chave:** narrativas, confluências, afro-latina/o, Luz Argentina Chiriboga

### **1 Introdução: Por uma literatura afro-latina**

Primeiramente a discussão aqui a ser apresentada não desconsidera os vários discursos já existentes sobre a ideia de América Latina. Por isto levará em consideração uma América Latina a partir dos trânsitos culturais (HALL, 2009) Esta, pensada não apenas em termos de América Hispânica, mas por todas as transformações que ocorrem ao longo de décadas que, entre outras, visou a quebra de rupturas entre o “universo hispano-americano” e outras nações, inclusive com o Brasil. Nas palavras de Coutinho,

A América Latina é vista hoje como uma região cultural múltipla e plural, fundamentalmente contraditória, e sem contornos claros e definidos, e o termo usado para designá-la traduz exatamente esse espírito de indefinição. (COUTINHO, 2013 p. 66).

Então será que não podemos pensar numa literatura da América Latina e ainda mais ousadamente pensar numa literatura afro-latina? Pois, podemos considerar a revisão de tradições já consolidadas e que, segundo Rama (2008, p. 116) são tradições que continuam sendo reafirmadas “por obras das novas submissões imperiais”. A imbricação da expressão “ousadia” está sendo colocada como relevância em detrimento de vários textos que buscam idealizar uma América Latina estritamente “aborígena” (indígena). Esta, justificada em diversos aspectos, é traduzida muitas vezes como tentativa de unificar influências linguísticas, aspectos fenotípicos da população, a música, a sintaxe e outros mais.

A própria tentativa de fechamento das identidades (se é que é possível) tidas como Latinas é por si contraditória, sobretudo no tocante ao processo de colonização sofrido pelos países da América Latina. Desta forma, é pensando na diáspora africana, bem como no papel dos países ibéricos no tráfico dos povos africanos, que podemos talvez pensar numa América Afro-latina, e, conseqüentemente, numa Literatura Afro-latina. Cabe lembrar o extremo valor da reestruturação que foi ocasionada às culturas do que denominamos Américas a partir da atuação da cultura negra africana. Embora o número das populações afro-descendentes seja considerado minoria na América Hispânica,

Andrews (2007, pg. 30) ressalta que entre outras participações, a “presença negra marca uma experiência histórica específica compartilhada por quase todas as sociedades da América afro-latina: a experiência da agricultura de *plantation* e a escravidão africana”. Para Hall (2009 p. 36), “é importante ver a perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação”.

Sabemos que há diversas formas de conceber uma América Latina. No cenário teórico não faltam tentativas de unificar ou desmontar sua concepção. No entanto, para maiores esclarecimento, este artigo não tem a mínima pretensão, no momento, de discorrer e aprofundar a estranha, provocante e infundável discussão sobre o que faz certas Américas serem ou não “Latinas”. Não pretendo discorrer o detalhadamente sobre a questão de língua e territorialidade, nem de língua e origem (um dos aspectos mais latentes nos debates sobre a América Latina). Nada disso é capaz em sua “pureza” de delimitar uma América Latina. Pois isto implica lidar com uma idéia de nação, de territorialidade, diferenças, identidades, rupturas, local, global e tantas outras peculiaridades, inclusive lingüísticas, estas no sentido de linguajamento, do qual trata Mignolo (2003, p. 321) quando diz que:

a rearticulação do status das nações, como resultado do fluxo global de integração econômica, está formando um mundo de linguajamento interligado e de identidades cambiantes [...] Zonas intermediárias, diáspora e relações pós-coloniais são fenômenos diários da vida contemporânea, que forçam o linguajamento a transcender a nação onde a língua esta presa à ideologia da pureza e da unidade.

Entendo que estas “zonas intermediárias” das quais trata Mignolo são fundamentais para compreender as Literaturas da América Latina, entre elas a Literatura ali produzida no intuito de ressaltar aspectos da cultura africana na diáspora. Podemos utilizar-nos da designação da América Afro-Latina apresentada por Fontaine e empregada depois por Andrews (2007, p. 29): “todas as regiões da América Latina em que são encontrados grupos significantes de pessoas de conhecida ascendência africana”. Principalmente compreendo a literatura como sistemas estéticos, lingüísticos e ideológicos produzidos em determinados contextos.

Insisto que a dificuldade de pensar em uma Literatura Afro-latina é comumente perceptível num discurso que se quer verdadeiro, de que as Américas, fora o Brasil, não são, na sua grande maioria, “nações” de relevância afrodescendente. Uma compreensão como esta sugere a negação da dimensão da diáspora negra, restringindo-a a uma influência localizada. Desta forma, há quem possa fazer um encaminhamento de um discurso essencialista e situado a uma noção de “nação” num círculo vicioso de hegemonias étnicas, culturais etc.

Para Soler Castillo e Pardo Abril (2008, p. 161), “[a] ideia de escravidão negra foi aceita como prática social durante vários séculos. Esse seria o início de um longo período de diferença de status entre indígenas e negros, que inclusive existe até hoje”. Então será que pensar numa América Latina de descendentes (exclusivamente) indígena não é negar o próprio processo negro diaspórico que toda a América vivenciou? Porém, é pertinente pensar que “as culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde se originam” (HALL, 2009 pg.36) ou, acrescento, essencialmente dizer de onde veio e para onde vai.

No entanto, a literatura contemporânea vem trazer exemplos mais precisos de uma literatura tanto latina como afro-latina, através do processo de “identificação e

rupturas”, procurando, segundo Rama (2008, p.116), “descobrir as ‘seqüências literárias’ que sejam capazes de oferecer a maior margem de autonomia dentro do contínuo protoplasmático dos materiais literários indiferenciados”. Assim, mostrarei partes de duas obras de Luz Argentina Chiriboga, apontando diálogos, do ponto de vista tanto do que as identificam quanto as diferenciam, entre as literaturas das Américas.

A partir destas breves considerações teóricas, apresento os textos de Luz Argentina Chiriboga em *La contraportada del Deseo* (A contracapa do desejo) (1992) E *Bajo La Piel de los Tambores* (BPT) (1991). Ao pensar sobre as obras em questão, percebo que autora da coletânea de poemas e do romance respectivamente, faz parte de um “sistema”. Este é correlacionado a vozes históricas singulares mas também múltiplas, pois para Polar (2000, p. 48) “[c]ada sistema tem sua própria história, mas também participa de outra, muito mais abrangente, aquela que distingue um sistema de outro e ao mesmo tempo, direta e indiretamente, os correlaciona”. As obras *La contraportada del Deseo* e *Bajo La Piel de los Tambores* são obras distintas no que pese seus gêneros, mas podem ser lidas a partir de diferentes perspectivas e por isso não será possível contemplar todos os aspectos de todos os poemas e/ou de toda a narrativa, deste modo foi feito um recorte que possibilitasse uma leitura dialogal entre os diferentes gêneros, mas que contribuíssem para considerá-las literatura “afro-equatoriana”. Percebemos nestas sonâncias e dissonâncias alguns elos que se interligam e possibilitam um diálogo relacional que pode ser visto, também, como “afro-latinos”.

Amparada pela concepção de trânsitos culturais, movimento identitário e literários, me utilizo da definição de literatura negra (e/ou literatura afro-brasileira) para tratar da literatura afro-latina uma vez que para Souza (2005, p. 162) “as trocas e os intercâmbios ocorridos no campo da produção textual e no setor musical são sintomáticos dessa cadeia de inter-relações e cruzamentos” e perceber que a literatura afro-latina é tão subversiva quanto a própria literatura afro-brasileira e/ou negra. Para Ianni (1988, pp. 209 e 215):

A literatura negra é um imaginário que se forma articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas invenções literárias. [...] Um sistema no sentido de “obras ligadas por denominadores comuns”, com “notas dominantes”, peculiares desta ou daquela, deste e daquele gênero.

Também Fonseca (2006) diz que a:

“literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história.

A escolha por acomodar a definição de literatura negra a partir de teóricos brasileiro é por compreender que o Brasil já vem enveredando discussões sobre este assunto de forma ampla. Assim estas ideias nos oferecem um ponto de partida abrangente do qual podemos pensar na literatura negra como um todo. Pois estas abordagens não são deslocadas de outros teóricos, como os estadunidenses, que também discutem a questão. A minha escolha também se motiva pela perspectiva de que o Brasil é intrinsecamente parte desta América Latina e assim pode contribuir para o entendimento de escrituras Afro-latinas.

## 2 A poesia de *La contraportada del deseo*

Em *La contraportada del deseo*, Chiriboga usa freqüentemente a primeira pessoa, configurando a representação do sujeito poético com suas idiossincrasias beirando uma escrita imersa nos vários “eu”.

Sua poesia dialoga com uma literatura moderna e contemporânea onde as palavras vão sendo tecidas e seus sentidos se multiplicando e, a eles somando um conjunto de (res)significados. O próprio título sugere uma exibição de outras faces dos desejos, pois é o outro lado, “a contracapa”. A esta pode ser atribuída uma carga semântica que carrega informações intrínsecas, importantes e necessárias que não são reveladas na “capa”.

A voz poética da equatoriana, Chiriboga, traz um conjunto de pontos de identificações da mulher e da persona negra. Duas identidades que se interpenetram na escrita da escritora. Passando pelo erotismo, pela feminilidade e pela negritude, ressaltando as possíveis pluralidades identitárias em um só corpo:

Suelta mi trenza  
para que dance  
en el mojado viento  
Quiero sentir  
su embriagado lenguaje  
[...]  
Gime en alta voz  
La entrega en cuerpo entero  
y se proyecta  
En mis nocturnos desafíos  
[...]  
(pp. 84-85)

O corpo (o profano) e o espírito (o sagrado) também se misturam. Estes universos que segundo a tradição judaica cristã se dualizam, se distinguem, se querem opostos. Mas segundo tradição africana o corpo e o espírito se complementam e se ressignificam. Para Roger Bastide (2001) “Ao ser transportado da África para a América, o pensamento africano sofreu, infelizmente, tanto perdas quanto metamorfoses. E hoje restam somente fragmentos dessa concepção do homem como um símbolo do divino [...]”.

Pasan Changó y Yemayá  
Rozando los muslos de la noche,  
[...]  
Caen de bruces  
ancestrales fantasmas  
moldeando el desolvido,  
y tu aliento se alberga  
en mi triángulo frágil

A lembrança dos ancestrais aparece no poema. Composto por vozes e vocábulos que se harmonizam e insinuam atos, através das palavras em ligação intrínseca sugerindo

um processo de memória que segundo Achugar (2006) “teria a responsabilidade de resgatar os esquecimentos a que haviam sido submetidos indivíduos, obras e fatos históricos” (p. 141).

Ao ler os poemas é perceptível a capacidade de os versos promoverem reversões de sentidos, renovar visões de episódios. Pode-se observar que há ritmos e tons mais livres, pouco preocupados com as formas de construção poéticas e marcadas por regras tradicionais de versificação. Pois a ressignificação das palavras, a sonoridade das mesmas e os resgates memoriais; tudo isto pela expressividade e liberdade de criação. Para Hollanda (1998, p. 12), “à distancia, a produção poética contemporânea se mostra como uma confluência de linguagens, um emaranhado de formas e temáticas sem estilos ou referências definidas. Nesse conjunto, salta aos olhos uma surpreendente pluralidade de vozes, o primeiro diferencial significativo destas poetas e poesias”. Fato que se pode observar nas linguagem nos diferentes gênero literários da autora

### **3 O romance *Bajo la piel de los tambores* (BPT)**

Em *Bajo La Piel de los Tambores* (BPT) narra a história de Rebeca Gonzalez, uma jovem moça que saiu de uma cidade chamada Sikán, localizada no Equador, para estudar numa escola paroquial (internato) chamado, Nuestra Señora de Guadalupe, na cidade capital, Quito. Neste espaço súbito e recheado de movimentos verticais, as inconstâncias dos “corpos” a trama, sobretudo psicológicas, parecem dissociar as personagens dos seus contextos com insinuações pretensas de viver um novo que não confronta com suas realidades, O Romance nasce como uma “tsunami” no que tange o manejar da memória, o fluir da linguagem e dos relatos das personagens multidimensionadas. O ambiente situacional do romance é apresentado com linguagem romântica e poética, todos os quais contribuem para o eroticismo do texto. Este espaço incita não apenas a análise de representação. Pode também, aliado a isto, contribuir para uma análise da importância sociopolítica e histórico-cultural da história do equador e, muito provavelmente, como uma analogia às outras narrativas na e da América Latina e ou/ Afro-latina.

*Bajo del piel de los tambores* é considerado, por alguns críticos, o primeiro romance Afro-equatoriano, pois em si considerando o que define uma literatura negra e ou afro-latina, certamente, pesa a revisão de tradições já consolidadas que, segundo Rama (2008, p.116) são tradições que continuam sendo afirmadas “por obras das novas submissões imperiais”. Chiriboga explora as metamorfoses do ser negro feminino na postura de sujeito e nos revela, sobretudo, como as armas da ideologia colonial de dominação podem ser usada para aproveitamento dos corpos que desejam falar por si, todavia, consciente dos processos a eles imbricados. É o que ocorre com a protagonista da narrativa, Rebeca González.

A questão da sexualidade vem sendo observada a muito como fator preponderante nas escritas literárias sobre mulheres na e da América Latina. Esta constatação é questionável, sobretudo, porque está em jogo a representação de forma acentuada e mais complexa em relação à mulher negra. Complexa porque é sabido da dificuldade de desconstruir o imaginário que perpassa por relações seculares de escravização e subordinação, a qual os povos negros e principalmente as mulheres negras foram submetidos/as. Segundo Bhabha, “A fixidez [...] é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 1998 p. 105).

Os acontecimentos de dentro do internato se contradizem, uma vez que contesta a própria dita coerência interna do imaginário religioso, cujos valores do cristianismo ditam as regras de amor, respeito ao próximo, às diferenças etc. A metamorfose da qual falei acima, também se dá na crise de identidade marcada na cultura a qual pertencem ou pertenceram as/os suas/seus personagens, neste caso, marcadamente na vida das internas, quem estão em mais evidente indissociação do mundo externo e interno. Rebeca Gonzalez, dentro do internato, é “metamorfose ambulante”, dentro desta estrutura inconclusa.

Yo era así, pensaba negativamente hasta en los momentos de alegría. Sería quizás mi formación campesina la que llevaba a considerar los hechos de esa manera. (BPT, p. 45).

A face de um cristianismo absoleto e insosso vinham se desvelar acentuadamente no encontro de Rebeca com suas futuras companheiras de internato. Isso reforçado pelo que Barros (2009, p. 76) no capítulo do livro intitulado “A cor escrava: noção reapropriada pelo tráfico atlântico cristão”, [citando Lineu] diz ‘os esforços científicos aos mitos de origem religiosa que favoreciam o racismo logo viram, particularmente no decurso dos séculos XVIII e XIX [...] a novidade da classificação das raças humanas e sua classificação unia características psicológicas e morais a aspectos físicos, construindo uma escala de valores tendenciosas que influenciaria outras classificações no século seguinte’ (BARROS, 2009 p. 76).

Me sacudió un febril arrobamiento, oscilante entre el placer y el daño, pero me dejé llevar por aquel dulce arrebato, jamás antes de humedecieron mis ojos con tanta felicidad. Fue como si en el sacerdote convergieran Dios y el diablo. (BPT, p. 55).

A cada novo código, “nueva clave” que reluzia aos olhos de Rebeca a lembrança de Sikán penetra-lhe o cérebro. Os valores familiares, a educação dada pelos pais, os costumes dos povos de Sikán. Nada que Rebeca podia sentir e viver naquele internato correspondia às suas lembranças de Sikán como sinais de identificação. Tudo Divergia, no âmbito da lembrança. Todavia, “justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencia um *continuum* significativo e interpretável do tempo.” (SARLO, 2007 p. 12)

Por mi madre, que no miento. Necesité muchos días para descifrar aquella clave, pues en el internado tuve la sensación de que todo hasta cielo, estaba a punto de desplomarse sobre mí. (BPT, p. 16).

Em BPT, a também presença de uma monja negra representava, mais uma vez, a crise com o “diferente” no contexto da igreja. Sua diferença não é causada apenas pelo escalar dos encontros no internato; é destacada por um imaginário secular de rejeição marcada pelas forças racistas das sociedades coloniais e, sobretudo das bases perversas descaracterizadas pela ideologia propagada pela própria igreja. A indagação das internas pela presença da monja negra, num espaço “purificado” das marcas da negritude, é reforçada pela memória de Rebeca:

Estábamos en clase de literatura cuando Sor Lucía entró al aula acompañada de una relegiosa negra, todas dijimos ¡increíble! Nunca

habíamos visto una monja de ese color; papá afirmaba que la religión practica la ley del odio. (BPT, pp. 22-23).

Ao que parece, a exposição da rejeição e da indignação com o diferente tornou-se um desafio ao longo da narrativa.

#### 4 Considerações finais

No presente trabalho trouxe algumas questões a cerca de duas obras de Luz Argentina Chiriboga, e busquei observar como as obras em questão dialogam com o corpo mais amplo de literatura afro-latina. Primeiramente passei um pouco sobre a ideia de América Latina, a partir dos trânsitos culturais, como um movimento literário e identitário. Então refleti um pouco sobre conjunto que compõe estas identidades até chegar à Afro-latina. Como foi motivado pela ideia de confluências discursivas da Literatura da América latina, mais propriamente, afro-latina, foi então que apresentei a produção literária Luz Argentina Chiriboga como possível representação de Literatura afro-latina. Assim, *La contraportada del deseo* e *Bajo la Piel Del los Tambores* são obras que podem (ou talvez devam) fazer parte de um corpus de literatura afro-latina (ainda que este seja um conceito construção) uma vez que podem contracenar com os movimentos literários dos afro-descendentes das Américas.

Encerro essa reflexão parafraseando Angélica Soares, e pensar que se “cada obra literária está filiada a uma classe ou espécie desde de um certo nascimento e uma certa origem, gerando nova modalidade literária”, como bem argumenta, então, por quais razões outras formas estéticas que pareçam dessemelhantes ao perfil canônico seria qualquer outra coisa que não arte, que não literatura? Isso se deve a um padrão que se quer único de fazer literatura, majoritariamente ocidental? Ou talvez, agregado a esse questionamento, estejam atrelados vários outros interesses ou quem sabe desinteresses pelas novas poéticas. Interesses esses incursos num pragmatismo ideológico de que a arte já instituída há anos não quer “ceder” espaço às novas convenções. Segundo Compagnon (2010, p. 229), observando o “embate” comparativo contra o valor literário Kantiano, por Genette, diz que: “o valor não tem, segundo seu ponto de vista, nenhuma pertinência teórica e não constitui, em absoluto, um critério aceitável nos estudos literários”. Essa e muitas outras são inquietações e questionamentos que moveram esse ensaio que se pretende mais a uma exposição reflexiva e introdutória do que meras pretensões afirmativas.

#### Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. 2008. **Comunidades imaginadas: Relexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREWS, George Reid. Introdução. In: **América afro-latina, 1800-2000**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ARGENTINA CHIRIBOGA, Luz. **La contraportada del deseo**. Quito: Talleres Gráficos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Bajo La piel de los tambores**. Quito: Editorial casa de la cultura ecuatoriana, 1991.

BARROS, José d'Assunção. A cor escrava: noção reapropriada pelo tráfico atlântico cristão. In: **A construção social da cor: Diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009, pp. 73-77.

BASTIDE, Roger. O homem, reflexos dos deuses. In: **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

BHABHA, Homi. A outra questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 105-128.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada: reflexões**. São Paulo: Annablume, 2013.

DECOSTA-WILLIS, Miriam (org.). **Daughters of the Diaspora: Afra-Hispanic Writers**. Kingston: Ian Randle Publishers, 2003.

FEAL, Rosemary Geisdorfer. Poetas afrohispanicas y la "política de la indentidad". Disponível em <<http://sincronia.cucsh.udg.mx/feal.html>>, 1996.

FEIJOO, Samuel. Influencia africana em latinoamérica: literatura oral y escrita. In: **África en América latina**. Manuel Moreno Fragnals (org.). 3ª edição. México, D.F.: Siglo xxi editores, s.a. de c.v. e Paris: UNESCO, 1996 [1977].

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: **Literatura afro-brasileira**. Florentina Souza, Maria Nazaré Lima (orgs.). Salvador: CEAO e Brasília: Fundação Cultural Palmares, pp. 9-24, 2006.

FOUCAULT, Michael. Representar. In: **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. *Estudos Afro-Asiáticos*, n.15, pp. 208-216, 1988.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2003.

POLAR, ANTONIO CORNEJO. Os sistemas literários como categorias históricas: Elementos para uma discussão latino-americana. In: **O condor voa: Literatura e cultura latino-americanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, pp.47-53.

RAMA, Ángel. Sistema Literário e sistema social na América hispânica. In: **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Versão online. Disponível em <<http://www.rae.es/rae%5CNoticias.nsf/Portada1?ReadForm&menu=1>>.

SARLO, Beatriz. Tempo passado. In: **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'aguiar. São Paulo: Campanhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, pp. 9-22.

SILVA, CANDIDO DA COSTA E. **Os segredos e a Messe: o clero oitocentista na Bahia**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2000.

SOARES, Angelica. Os gêneros, antigos como as obras. In: **Gêneros Literários**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1993, pp. 7-8.

SOLER CASTILLO, Sandra, e PARDO ABRIL, Neyla Graciela. Colômbia: invisibilidade e exclusão. In: **Racismo e discurso na América latina**. Teun A. van Dijk (org.). São Paulo: Editora Contexto, pp. 159-201, 2008.

SOUZA, Florentina da Silva. Trânsitos da diáspora: Bahia [(África-Europa) e América]. In: **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WALTER, Roland. Afro-América: Diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.